

EDUCAÇÃO

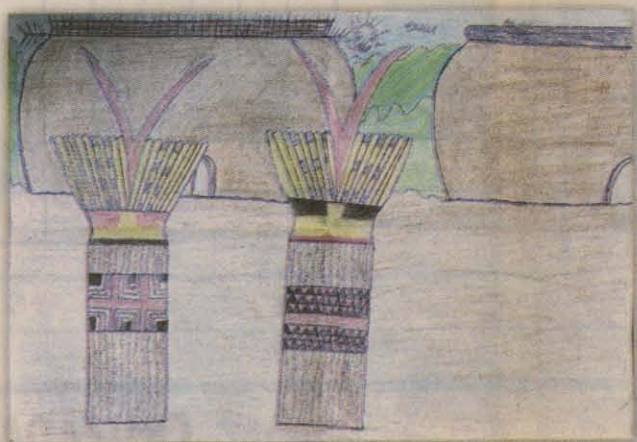
Alunos da Escola Classe 111 Sul trocam correspondências e presentes com os coleguinhas da reserva do Xingu. Com isso, aprendem a diferenciar e valorizar a cultura indígena

Ricardo Borba



MARCUS PAULO (E) E SEUS COLEGAS DA 111 SUL: TROCA DE PRESENTES E INDAGAÇÕES CURIOSAS SOBRE OS HÁBITOS DOS INDIOZINHOS DO XINGU

MEUS AMIGOS DO XINGU



CARTA DO ÍNDIO LEONARDO: FOTO PARA OS NOVOS COLEGUINHAS

“ADOREI SUA CARTINHA”

Meu nome é Tibuco Kamayurá, eu adorei a sua cartinha, fiquei muito feliz ... Alice, você perguntou como os índios vivem. Os índios vivem na aldeia, trabalham, pescam, caçam e fazem a festa. Alimentos. A gente come beiju, peixes, frutas e outros.

Um abraço para você e sua turma, Tibuco.

Amiga Patrícia,

Adorei a sua cartinha, fiquei muito feliz. Espero que você esteja bem. Meu nome é Inluapé Kamaijiró, tenho oito aninhos... Eu estudo das 7h das manhã até as 10h.

Eu sou grande pescador, pego peixe com anzol e pego peixe com flecha.

Patrícia, aqui no Xingu tem muitos peixes. Tem pacu, pirarara, pintado, trairão, peixe

cachorro, tucunará, piau, piranha e outros...

Me escreva sempre, no momento somos grandes amigos.

Amiga Alice

Oi, eu Kamilla Ayú Wará, tenho seis anos. Meu pai vai escrever para você. Eu gosto muito do meu pai. Ele cuida muito bem de mim. Eu nunca fiquei doente na mão dele. Eu não sei escrever ainda, mas aprenderei mais tarde. Fiquei muito contente de receber a sua carta, nunca mandaram carta para nós.

Eu sou muito alegre, gosto de brincar, eu sadia, nunca entrei e pisei no hospital ainda. Eu como: beiju, mingau, piqui, batata, cana, peixe, banana, mel, as frutas nativas, etc.

Um grande abraço para você, Obrigada. Kamilla

Guaira Flor
Especial para o Correio

No parque ecológico do Xingu, 75 índios, entre 5 e 18 anos, aguardam ansiosamente a chegada do rio que atravessa o rio Culuene, único acesso para a reserva indígena, localizada no norte do Mato Grosso. A cada dois meses, eles recebem uma encomenda muito especial: dezenas de cartas enviadas pelos alunos da 5ª série da Escola Classe da 111 Sul. A idéia do intercâmbio partiu daqui. A professora de História Marli Flores queria ensinar aos alunos como respeitar e entender a cultura indígena. Por isso, pensou em estabelecer contato direto com uma tribo. Em sala de aula, ela pediu que três turmas de 5ª série escrevessem cartas para os índios e entregou os textos à Fundação Nacional do Índio (Funai). Dois meses depois, chegaram as respostas. O resultado foi surpreendente. “As crianças passaram a se interessar pelo assunto e aprenderam que não existe tradição certa ou errada, apenas culturas diferentes”, alegrou-se a professora.

Todas as cartas, invariavelmente, são cheias de perguntas. Os alunos de cá e os de lá — que estudam no Posto Indígena Leonardo — aproveitam o momento para satisfazer sua curiosidade sobre a outra cultura. “Quando você mergulha no mar, o olho arde?”, pergunta um indiozinho. “De que é feita a sua casa?”, questiona Alice, 10 anos. Aos poucos, ambos vão aprendendo um pouco mais sobre a vida do outro.

Os envelopes mandados pelos índios vêm sempre recheados de desenhos típicos, que maravilham as crianças da escola da 111 Sul. São pinturas representando o Kuarup (ritual em homenagem aos mortos), desenhos geométricos que servem de pintura corporal e esboços da fauna local (onças, araras e papagaios). Tibuco Kamayurá, 14 anos, enviou para Alice Ya-

walapiti, onde mora. As casas (ocas) são feitas de palha e o desenho é bastante colorido. Estranhamente, no centro da tribo, fica um campo de futebol, sinal da invasão da cultura branca.

Por intermédio das cartas, os alunos da professora Marli aprenderam que no Alto Xingu os índios, além do português, falam idiomas próprios — como o tupiguarani, o jê e o aruaki. Quando são inquiridos sobre o que mais aprenderam nas cartas, eles respondem de pronto: “Sabia que os caciques podem ter mais de duas mulheres?”, informa Felipe Gustavo, 10 anos. “As meninas de lá se casam com 14 anos”, adianta Katiana da Silva, 13. “Olha só a pulseira que eles mandaram. Não é o artesanato mais bonito do mundo?”, diz a espetada Camila Câmara, de 11 anos.

Uma turma também recebeu de presente um arco e flecha; outra, ganhou pulseiras com motivos indígenas. Em retribuição, enviaram batons, prendedores de cabelo, óculos escuros, bonecas e pequenos objetos pessoais, alguns pertencentes aos próprios alunos.

A troca também ensinou as crianças a valorizar um meio de comunicação meio esquecido: a carta. “É bem melhor que e-mail, porque você se sente falando com a pessoa”, diz Marcus. No fim, todos aprenderam que algo antigo não significa algo ultrapassado. Camila, por exemplo, quer que os índios tenham sua própria cultura para não acabarem esquecidos. “Não são eles que têm que mudar”, reclama. “Nós é que temos que parar de derrubar as árvores e roubar os bichos das terras deles”.

ROTA DAS CARTAS

